

Retratos da Leitura no Brasil

Análise introdutória da pesquisa III Retratos da Leitura no Brasil

Maria Antonieta Antunes Cunha
Brasília, 28 de março de 2012.

Inicialmente, quero agradecer ao IPL a oportunidade de me debruçar sobre esta pesquisa e tentar contribuir, neste seminário, com uma análise ainda que inicial dos dados mais gerais fornecidos pelo IBOPE. Já estou de posse dos dados brutos da pesquisa, e pretendo em breve poder oferecer aos interessados um estudo mais consistente, que ajude a todos nós a avançar nas discussões e nas melhores trilhas que nos levem a melhores índices de leitura no Brasil.

Devo lembrar que participei da análise dos dados da II Retratos da Leitura no Brasil e minhas considerações estão no livro que registra a pesquisa. E depois, de posse dos dados brutos, por puro gosto e à medida das oportunidades, fui fazendo uma análise específica da situação da leitura em Estados, Regiões, ou entre os entrevistados que se consideravam negros.

Muitas das observações feitas por mim, com relação à pesquisa de 2007, seriam feitas aqui, mesmo porque os dados são, na sua maioria, muito parecidos. Mas vou tentar não me repetir demais. Apenas volto a uma questão, para mim importante: ao lado desta fundamental pesquisa quantitativa, que compõe uma série histórica e tem como objetivo ser abrangente, seria importante avançar também em pesquisas qualitativas, que nos permitissem ir mais fundo na tentativa da compreensão dessa experiência ainda muito misteriosa que é a leitura.

Desse modo, permanece meu desejo de ver esmiuçadas informações que, abertamente, verdadeiramente e especificamente, indiquem por quê, o quê e como leem os brasileiros – o que nem sempre pode aparecer em respostas estimuladas.

Outro ponto a ressaltar é uma confissão. Tão familiar à segunda pesquisa, de início, senti o golpe: a população brasileira parecia estar lendo menos em 2011 do que em 2007. Como assim, quando testemunhamos tantos esforços de todos os elos da cadeia do livro, da sociedade e do poder público? A esse ponto voltarei mais tarde, embora não vá salientar os avanços das ações em torno da leitura, uma vez que outros convidados, de perspectivas diferentes, certamente abordarão esses pontos de modo mais adequado.

Retratos da leitura no Brasil

E vieram-me algumas especulações, na tentativa de explicar as diferenças.

1- O fato de a pesquisa mais recente ter sido feita em outro período do ano (em 2007, de novembro a dezembro; em 2011, de junho a julho), diferentemente do que ocorre com as pesquisas de produção, de admissão ao trabalho e de compras, por exemplo, pode ter definido ou em parte ter trazido momentos diferentes de leitura?

Mesmo imaginando que se trata de uma experiência que gostaríamos de ver permanente, por motivos bastante razoáveis, muitos de nós temos picos (ou quase abandono) de leitura, sobretudo se levarmos em conta que o critério para a definição do leitor é a leitura de pelo menos **um livro** nos três últimos meses.

(Aliás, um dado que me pacificava um pouco era a apresentação dos índices de leitura nos últimos 12 meses – o que aumentava razoavelmente, em 2007, o número de leitores.)

2- Pode esclarecer divergências o fato de as duas pesquisas serem muito próximas, mas não idênticas, em vários pontos?

Por exemplo, as faixas etárias foram agrupadas diferentemente e tiveram peso distinto nas duas pesquisas: em 2007, as três faixas etárias iniciais (as que mais leem) foram 5-10, 11-13,14-17, e representaram 29% dos entrevistados, enquanto, em 2011, elas representaram uma única faixa e corresponderam a 25% das entrevistas. Do mesmo modo, as chamadas “classes sociais” estão apresentadas por agrupamento e peso diferente. E, se os idosos estão mais representados na última pesquisa, possivelmente eles entrarão com ênfase entre os “não leitores”. Se os entrevistados das classes D/E

(em 2011, apenas D) tiveram peso maior (51%) do que na pesquisa anterior (48%), isso também poderá representar um ponto importante para a diferença de números ou índices.

3- Da mesma forma, a opção da pesquisa por, em determinadas perguntas, computar 1 ou 3 respostas do entrevistado poderia alterar os números finais da questão? Obviamente, não podemos simplesmente dividir ou multiplicar os índices, e considerar numa equivalência dessas operações.

Retratos da leitura no Brasil

4- A distinção entre “leu o livro inteiro” e “leu parte do livro” terá sempre o mesmo peso, independentemente do gênero? Significa a mesma coisa não ler um romance ou uma novela, ou uma peça de teatro toda e não ler todos os poemas, ou contos, ou crônicas de um livro? Enfim, o estudo aprofundado dos dados vai ajudar pelo menos a mim, na tentativa de compreender se critérios certamente válidos em todos os casos podem explicar o menor índice de leitura em 2011.

Para mim, no entanto – e sem invalidar nenhuma – cabe a nós, estudiosos, criadores, editores, mediadores e poder público, tirar de cada uma e de ambas as pesquisas algumas conclusões e outras tantas inquietações e - quem sabe? - apaziguamentos.

A primeira conclusão é que continuamos lendo pouco, continuamos ligando indefectivelmente leitura e escola (e um pouco menos ao trabalho), permanecemos distantes das bibliotecas, não importa de que tipo, e, ao que tudo indica, insistimos em aceitar maus serviços (e não só públicos), como se fossem bons, porque sequer sabemos o que é um bom serviço educacional ou cultural. Explico o que acabo de dizer.

Quanto à pouca leitura, mesmo se deixarmos de lado o conceito adotado nas pesquisas de **leitor** e **não-leitor** e consideremos o acesso ao jornal, à revista e até o acesso à internet e toda a parafernália digital, ainda assim, continuamos lendo pouco. Sequer a Bíblia e os livros didáticos, de longe os mais lidos no Brasil (ou os mais citados, seja por que motivo for), chegam a um número expressivo de leitores.

Com relação à mais íntima relação feita pelo brasileiro (e não só ele) entre leitura e escola, ela é tanto legítima quanto necessária – enquanto somos estudantes. O problema é acharmos que a leitura **só** tem a ver com a vida estudantil. Aquela ideia de “desescolarizar” a leitura, que esteve em moda e conseguiu adeptos importantes na década de 90, perdeu força e não pode se confundir com o desejo legítimo de que a leitura extrapole os muros e os tempos da escola. Acredito firmemente que, se a leitura não pode ser uma função unicamente da escola, cabe a ela, sim, formar e desenvolver o leitor para além e para depois da alfabetização e do período da vida escolar. (Não vou voltar, aqui, às históricas dificuldades sociais da família e sua falta de cultura letrada.) Na fase mais decisiva da formação de gostos e valores, na escola estão

Retratos da leitura no Brasil

leitores e não-leitores, em contingentes significativos e mais facilmente atingíveis pelas ações – imprescindíveis e diferentes, mas complementares - de **ensinar a ler** e **a descortinar os horizontes da leitura**, ou, em outras palavras, **ajudar a gostar de ler**.

Não sem razão na pesquisa de 2011, para os entrevistados leitores, o professor aparece à frente da mãe ou de qualquer outro parente na formação do gosto pela leitura. (Em 2007, esse primeiro lugar era da mãe, seguida do professor e do pai.)

É claro que, para cumprir a função, a escola precisa alfabetizar de verdade e contar com educadores que leiam além dos didáticos e mais uns poucos títulos de literatura infantil e juvenil. A escola precisa de espaços, acervos e profissionais adequados para essa função.

Da mesma forma, a biblioteca pública não deveria ser apenas, como indiscutivelmente é, um braço da escola. Exceto para complementar ou suprir a falta da biblioteca escolar (inexistente em um grande número de escolas brasileiras), ela não existe para a nossa população. A sua inutilidade é tal, que respondendo à pergunta “O que o faria frequentar a biblioteca?”, 33% dos entrevistados disseram que nada os faria frequentar a biblioteca, em contraste com a pergunta sobre o uso de livros digitais, quando 61% deles disseram que poderiam, sim, experimentar a leitura num e-book. Quer dizer: há mudanças possíveis, segundo o imaginário dos entrevistados.

Apesar de ser o equipamento cultural mais presente nos municípios brasileiros, sem se levar em conta sua qualidade (os últimos 24 sem biblioteca serão contemplados ainda este ano, segundo as fontes oficiais), cerca de 30% dos entrevistados sequer sabem que ela existe, e apenas 12% a frequentam regularmente. Esses números mostram a necessidade de, para realmente cumprir a função de convidar e oferecer-se como lugar de leitura, urge que ela se modernize com relação a acervo, espaço, pessoal e projetos.

Enfim, pelo Brasil afora, bibliotecas públicas e escolas contam com poucos e verdadeiros mediadores de leitura. Suas ações são, em geral, acanhadas, pouco inovadoras e pouco motivadoras. Na verdade, mesmo quando oferecem o “espaço digital”, este pouco ou nada tem a ver com um projeto instigador de leitura, desenvolvido por seus responsáveis.

Retratos da leitura no Brasil

Não são capazes, portanto, de facilitar no seu aluno ou usuário a percepção do que pode representar a leitura: uma necessidade vital, ou o prazer indescritível do conhecimento ou da fantasia, ou a súbita apreensão da nossa transcendência. Ou tudo isso junto.

Quer dizer, para além das frases feitas e repetidas sem que representem uma convicção, a leitura não é percebida como um **valor** na engrenagem da vida individual ou coletiva do brasileiro. Saídos da escola, podemos nos livrar de uma atividade entediante obrigatória, que fazemos em algum espaço da escola, na biblioteca e até em casa para passar de ano, mas que não precisamos levar para o resto da vida.

É óbvio que escolas e bibliotecas não estão soltas e sozinhas no mundo, que são elas também resultado de certo tipo de sociedade e de políticas desenvolvidas para o tipo de cidadão que temos ou que se deseja desenvolver. É claro, também que a leitura não se limita nem diz respeito a essas instâncias. Ela é parte, sintoma dessa sociedade, e o melhor talvez não seja analisá-la isoladamente.

Talvez também nos ajudasse a repensar a experiência da leitura o seu conceito semiótico, mais afinado com a sociedade em mudanças e “enredada”, a que estamos inapelavelmente sujeitos hoje, onde ganhariam força suas dimensões culturais e sociais.

As belas discussões que esta pesquisa propõe e que se desenvolverão certamente em muitas análises deixam uma evidência: continuamos todos, e em boa fé, empenhados na busca de caminhos.

Esse empenho é que nos leva à pergunta: com tantos e tão evidentes esforços de tantos, por que os índices de leitura não melhoram, e, em algum momento ou medida, se mostram piores?

A tentativa de resposta a essa pergunta importante deveria, na minha opinião, ponderar dois pontos igualmente importantes e que, juntos, podem orientar nossas melhores escolhas.

O primeiro é talvez seja cedo para se perceberem os avanços feitos, e o próprio espaço de 4 anos pode expressá-los. É certo que tempo da educação e da cultura é muito lento: trata-se sempre de um processo de longo prazo, cujo resultado não se obtém na mágica do estalar de dedos ou do piscar de olhos. Exige persistência – a tal “teimosia” de que são feitos os grandes professores, na opinião de Roland Barthes; exige paciência – a “ardente paciência”, de que

Retratos da leitura no Brasil

falam Pablo Neruda e Antonio Skármeta, e que a convicção não permite apagar: os bons sinais demoram, aparecem desencontrados, mas a nós – gente que, em algum lugar ou função, está visceralmente (e sem fantasias) ligada à leitura – a nós, só resta, enquanto esperamos, perseverar, pacientemente, teimosamente, amorosamente, no trabalho que temos a fazer.

Por outro lado (e este é o outro ponto fundamental), precisamos urgentemente desenvolver melhores processos de avaliação de nossos projetos. É essencial, cada vez mais, cultivarmos a inquietude, a dúvida quanto às nossas ações, desconfiar dos aplausos, avaliar-nos, ir além das boas intenções, buscar melhores resultados e tentar, a toda hora e a todo custo, incentivar nossos alunos, nossos usuários, a população em geral a não aceitar menos do que o melhor serviço, o melhor livro, a melhor e a mais vasta leitura – aquilo que, afinal, é o direito do cidadão e que, por princípio, é o que almejamos fazer.

